

CHAMADA PARA ARTIGOS



LATIN
AMERICAN
STUDIES
ASSOCIATION

LASA2024

Reacción y resistencia: imaginar futuros posibles en las Américas

12 A 15 DE JUNHO DE 2024 • BOGOTÁ, COLÔMBIA

PRESIDENTA DA LASA

Jo-Marie Burt

Political Science, Schar School of Policy and Government, George Mason University and Senior Fellow, Washington Office on Latin America (WOLA), USA

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA

Maria Eugenia Ulfe

Anthropologist, Department of Social Sciences, Pontifical Catholic University of Peru

Enrique Desmond Arias

Political Science, Baruch College and the Graduate Center, City University of New York, USA

Tendências contrárias de reação e resistência são hoje evidentes nas Américas. O declínio do apoio aos valores e às instituições democráticas e o ressurgimento do autoritarismo, a ascensão de movimentos e partidos de extrema direita, a desigualdade econômica e a insegurança, tudo isso agravado pela pandemia, estão gerando ansiedade e medo. Ao mesmo tempo, os esforços a nível local para fortalecer os direitos, promover sistemas políticos e econômicos mais inclusivos e reverter os legados do colonialismo, combinados com o retorno de governos progressistas em muitos países da região, despertam a esperança de que novos futuros sejam possíveis. O foco do próximo Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino-Americanos, que ocorrerá de 12 a 15 de junho de 2024 em Bogotá, na Colômbia, será a exploração dessas tendências contrárias. Acadêmicos, profissionais e ativistas são encorajados a participar com as suas reflexões e análises das forças de reação que vêm gerando ansiedade sobre o futuro e as formas coletivas de resistência e mudança social progressista que nos permitem ousar sonhar com novos futuros baseados na igualdade, justiça e inclusão.

As tendências regressivas são evidentes em todo o continente americano. Temos visto a ascensão de populistas de direita como Nayib Bukele em El Salvador e Jair Bolsonaro no Brasil; o recuo democrático da Guatemala até o Peru; e o

endurecimento de regimes autoritários como o de Ortega-Murillo na Nicarágua. As ideologias de direita também estão em ascensão, desde movimentos profascistas a grupos que promovem tropos de “guerras culturais”, tal qual a “ideologia do gênero”. Estes movimentos, frequentemente de natureza transnacional, estão moldando fundamentalmente a forma como a política local se desenrola em muitas partes da região. Ao mesmo tempo, a pandemia colocou em evidência as profundas desigualdades, os serviços públicos vacilantes, as hierarquias raciais duradouras e a violência sistêmica que caracterizam as Américas. Estamos ainda avaliando o impacto a longo prazo da devastação provocada pela COVID-19 e como ela vem reformulando a nossa forma de pensar sobre o trabalho, o bem-estar e a organização das nossas ordens social e política. Outra causa de ansiedade sobre o futuro das Américas é a crise climática e a exploração contínua dos recursos naturais sem consideração pelo impacto nas comunidades indígenas e no meio ambiente.

Por contraste, vários países das Américas viram governos progressistas tomar posse, enquanto em outros, movimentos sociais de base ampla exigem um aprofundamento democrático e a construção de sociedades mais inclusivas e justas. Exemplos incluem o Chile, onde os movimentos sociais têm exigido mudanças no sistema político e econômico herdado da ditadura de Pinochet e um presidente

“millennial” de esquerda promete implementar reformas abrangentes, e o Brasil, onde o regresso de Lula à presidência suscita esperanças de que o recuo democrático e outras políticas regressivas, incluindo a devastação da Amazônia, possam ser revertidos. No Peru, movimentos sociais de massas, com comunidades indígenas na liderança, estão desafiando um sistema que excluiu historicamente as suas vozes e interesses; enquanto na Colômbia, após décadas de conflito civil, um ex-guerrilheiro e uma mulher afro-colombiana foram eleitos para liderar a nação numa plataforma de mudança social progressiva e de consolidação do processo de paz. Em toda a região, as mulheres continuam a exigir autonomia sobre seus corpos e direitos reprodutivos, com importantes vitórias em lugares como a Argentina e o México. Os povos indígenas do Chile ao Brasil e à América Central organizam-se para proteger a sua terra, o ambiente e a sua autonomia cultural. Estas formas coletivas de resistência, combinadas com movimentos políticos progressistas a nível nacional em muitos países da região, ajudam a articular novas formas de imaginar caminhos possíveis para uma mudança política, social e econômica progressista e voltada para a construção de novos modelos de governança mais inclusivos e representativos que deem prioridade à dignidade humana e ao bem-estar.

Neste contexto de crescente ansiedade acerca do estado do nosso mundo e de expectativas de mudança progressista, convidamos os acadêmicos, profissionais e ativistas a apresentarem propostas que reflitam sobre estas questões. Como as formas coletivas de resistência e forças progressistas de mudança estão imaginando novos futuros para as Américas? Como compreendemos as tendências contrárias na região, incluindo o recuo democrático, o aumento do populismo autoritário, a continuação da desigualdade e a crise climática? Como é que nós, enquanto acadêmicos, ativistas e profissionais, contribuimos com a produção de conhecimento, investigação em colaboração e outras intervenções para desafiar estas tendências regressivas e construir futuros novos e progressistas na região? Esperamos que este Congresso da LASA na Colômbia, onde um novo governo está tentando implementar uma plataforma política progressista com o apoio de diversos movimentos sociais, seja um espaço para uma reflexão produtiva sobre estas tendências contrárias e os desafios e esperanças que elas apresentam para imaginar possíveis futuros nas Américas.

NOVAS ÁREAS TEMÁTICAS PARA LASA2024

A Extrema direita na América Latina e no mundo

O ressurgimento da direita na América Latina é paralelo a dinâmicas que se desenrolam em outras partes do mundo, da Turquia à Hungria, passando pelos Estados Unidos. Grupos ultraconservadores que se insurgem contra a “ideologia de gênero” e ao “marxismo cultural” e promovem visões polarizadas de “nós” contra “eles” ganharam força na política institucional, bem como a nível social. Embora existam inspirações globais para a ascensão da extrema direita latino-americana, trata-se também de um fenómeno muito próprio, uma resposta a desenvolvimentos históricos recentes, como a ascensão dos governos da “Maré Rosa”, e que se inspira em legados coloniais mais antigos do cristianismo, do patriarcado e de conceitos racializados tais como a hispanidade.

A atual política de direita, personificada pelo Presidente de El Salvador, Nayib Bukele, pelo ex-Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e pelos também candidatos na Colômbia e no Chile, Rodolfo Hernández e José Antonio Kast, tem uma retórica marcadamente populista e putativamente antielitista. Estes líderes são experientes nas redes sociais, envolvem-se em políticas culturais revanchistas e têm uma boa rede de contatos internacionais. Embora participem em eleições democráticas e sejam muitas vezes bem-sucedidos, carecem geralmente de um compromisso sério com as normas e instituições democráticas e, uma vez no poder, utilizam frequentemente as instituições democráticas para concentrá-lo e enfraquecer a democracia a partir do seu interior, estando estreitamente aliados aos militares e, por vezes, a grupos paramilitares, para promover a sua pauta. A direita também tem promovido uma abordagem política de “guerra cultural”, por exemplo, através da adoção da chamada

ideologia de gênero, que afirma que as reformas que beneficiam as mulheres e as pessoas LGBTQI, como os direitos reprodutivos e o casamento entre pessoas do mesmo sexo, são o resultado de um sistema de crenças imposto que ameaça os “valores cristãos” e corrompe a sociedade.

Esta área temática especial convida à apresentação de propostas que abordem a “nova” direita latino-americana a partir de múltiplas perspectivas disciplinares para nos ajudar a compreender melhor a natureza, os objetivos e o impacto da direita contemporânea nas suas manifestações políticas, econômicas, sociais e culturais. O que impulsiona o aumento das ideologias e dos movimentos políticos de direita nas Américas? Que tipos de ameaças a extrema direita representa para a democracia e para uma compreensão mais ampla dos direitos na região? Que papel desempenham os laços internacionais no apoio à direita nas Américas e como esses laços impulsionam a política de direita? Como a direita se expressa hoje na cultura e em que medida o ativismo cultural e social é importante para a direita? Que papel desempenham os laços com os militares e os grupos paramilitares na promoção da pauta da direita?

Expropriações e deslocamentos: violência, extrativismo e economias ilegais em zonas rurais e indígenas

Em contraste com as reformas agrárias que ocorreram em vários países da América Latina no século passado, uma das características do capitalismo tardio na região é atualmente a acumulação de terras, quer para culturas, quer para a prospecção e exploração mineira e de hidrocarbonetos, conseguida através do deslocamento, muitas vezes violento, de comunidades indígenas e rurais dos seus territórios. Embora os povos indígenas representem 4% da população mundial, eles são responsáveis por um terço de todos os defensores do meio ambiente mortos em todo o mundo. Os conflitos relacionados às indústrias extrativas e às invasões de terras são uma das principais causas de violência contra as comunidades indígenas e rurais. Entre 2017 e 2021, registraram-se 2109 casos de comunidades afetadas por indústrias extrativas e atividades associadas no Peru, na Colômbia, no México, na Guatemala e em Honduras. A situação mais crítica é na Colômbia, onde 117 líderes indígenas foram assassinados entre 2012 e 2020. No México e na América Central, as comunidades indígenas e rurais foram despojadas

das suas terras pelas indústrias extrativas, bem como por grandes projetos hidroelétricos e agroindustriais, enquanto os ativistas ambientais e os líderes comunitários foram criminalizados e assassinados. Diante disso, há importantes exemplos de resistência, como o de Máxima Acuña, de Cajamarca, no Peru, que lidera uma luta gigantesca contra o projeto mineiro Yanacocha, a fim de impedir o seu avanço para territórios lagunares e também para evitar que as suas terras sejam expropriadas. No caso colombiano, a Lei de Vítimas e Restituição de Terras, de 2011, é uma tentativa de proporcionar uma reparação abrangente às famílias que perderam entes queridos, foram despojadas das suas terras e deslocadas das suas comunidades.

Por sua vez, crescem as economias ilícitas, que também produzem expulsões e desapropriação de terras e territórios em grande parte do continente americano. A violência dos traficantes de madeira, drogas e pessoas faz parte de um cotidiano raramente visto, mas que obriga, sobretudo, as comunidades indígenas a abandonar os seus locais de origem. O avanço destas economias ilegais agrava outros problemas, como as alterações climáticas, que geram o deslocamento e a mobilidade das pessoas devido a fenômenos ambientais como deslizamentos de terras, secas e contaminação de solos e pessoas. Na Colômbia, a expropriação foi causada também pelo avanço da guerrilha e do exército, pelos grupos paramilitares e pelo tráfico de drogas, bem como por fenômenos naturais. No Peru, a exploração mineira ilegal provocou o desmatamento e a expropriação; a contaminação por hidrocarbonetos provocou também o isolamento e a organização de certos grupos, principalmente indígenas, na luta pelos seus direitos. É igualmente importante refletir sobre a produção em grande escala de monoculturas, como a do óleo de palma, que provocou o desmatamento e a expropriação de terras na América Central, na Colômbia, na Bolívia, no Brasil, no México e no Peru.

Esta área temática especial convida à apresentação de propostas por parte de acadêmicos e ativistas que pesquisem e/ou trabalhem sobre a questão do deslocamento e expropriação das populações indígenas e rurais das suas terras e territórios, e as resistências coletivas que têm surgido para se opor a esta violência. Que efeitos tem o capitalismo tardio sobre as comunidades indígenas e rurais nas Américas de hoje? Como compreender a teia de atores que procuram controlar os recursos naturais, incluindo poderosas empresas transnacionais, grupos criminosos violentos e autoridades corruptas? Como

compreender estas dinâmicas de deslocamento e expropriação, de perdas e mundos em ruínas, que consolidam as hegemonias de certos grupos de poder, ao mesmo tempo que subordinam e silenciam outros? Como as comunidades se organizam em face a esta violência?

Impunidades: passados e presentes

Nos sistemas baseados no Estado de direito, há um conjunto de regras e normas codificadas na lei; todas as pessoas estão sujeitas e são iguais perante a lei; e existe um sistema judicial independente para defender a lei e investigar e processar as violações à lei. Nos sistemas baseados na impunidade, não há punição — nem expectativa de punição — para crimes graves, incluindo violações aos direitos humanos, corrupção em larga escala e uso arbitrário do poder do Estado. A impunidade é o exercício do poder sem responsabilização. Sem responsabilização, a arbitrariedade torna-se a norma, o espaço para a sociedade civil diminui e a corrupção e as redes criminosas florescem.

Esta área temática do programa tem como objetivo chamar a atenção para o problema persistente da impunidade e da fragilidade do Estado de direito na América Latina. Embora a América Latina tenha feito progressos importantes na responsabilização dos chefes de Estado por crimes graves, incluindo a corrupção em larga escala, o abuso de autoridade e os crimes contra a humanidade, a impunidade continua a ser uma característica central da vida em grande parte da região. Além disso, em muitos países, o sistema jurídico vem se tornando um instrumento usado por elites reacionárias poderosas para atacar e imobilizar indivíduos e grupos que trabalham para uma mudança social progressista, uma prática frequentemente chamada “guerra jurídica” (ou “lawfare”). Isto inclui ativistas ambientais, líderes indígenas e afrodescendentes, jornalistas e defensores dos direitos humanos. Em alguns países, estas táticas também vêm sendo usadas contra operadores independentes do Direito.

A persistência da impunidade também apresenta desafios fundamentais para a abordagem da violência e do crime organizado atuais na América Latina. Em toda a região, existe uma impunidade quase total em relação à violência baseada no gênero e aos feminicídios; à violência policial, especialmente contra as populações indígenas e afrodescendentes racializadas; bem como ao crime organizado,

incluindo crimes do colarinho branco, como o enorme escândalo de corrupção da Odebrecht. A impunidade gera mais violência, mais corrupção e mais crime organizado.

Esta área temática convida acadêmicos, profissionais e ativistas a apresentarem propostas que explorem tanto o problema duradouro da impunidade nas Américas quanto os esforços para combater a impunidade e consolidar o Estado de Direito, tanto no passado como no presente. Estamos particularmente interessados em propostas que explorem as ligações entre o crime e a impunidade no passado e no presente.

Colômbia: desafios atuais e futuros possíveis

A vitória eleitoral de Gustavo Petro e Francia Márquez em 2022 marca a primeira vez que os colombianos elegem um esquerdista para presidente e uma mulher afro-colombiana para vice-presidente. Aproveitando uma onda de descontentamento social em massa e de protestos contra a desigualdade e a política “costumeira”, Petro e Márquez enfatizaram a justiça social, a igualdade racial, a proteção ambiental e a consolidação da paz. Apesar dos desafios persistentes e dos novos, a sua vitória encoraja os colombianos a imaginar um novo futuro para o seu país.

Com a política de “paz total”, Petro e Márquez buscam cumprir as promessas do acordo de paz de 2016 assinado com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e chegar a novos acordos com outros grupos armados como o Exército de Libertação Nacional (ELN) e a organização de narcotráfico Clan del Golfo. No entanto, a Colômbia continua a ser um país em conflito, com grupos armados envolvidos em novas formas de violência, massacres contínuos no campo e assassinatos seletivos de líderes comunitários. Neste contexto difícil, o país continua a debater a forma de reparação pelas queixas das vítimas do conflito, a questão de saber que memórias são importantes e como escrever uma história de décadas de violência.

Neste contexto de altas expectativas, a Colômbia se depara com outros desafios novos e antigos. Persistem profundas desigualdades socioeconômicas e a exclusão racial e étnica. Diversos grupos armados e organizações de tráfico de drogas continuam a operar em todo o país. A Colômbia, como muitos outros países, também vem lutando para enfrentar os profundos desafios ambientais

do nosso tempo, incluindo a transição para uma economia sem carbono, as ameaças à biodiversidade, o desflorestamento e a contaminação das águas. Com 80% da população vivendo em zonas urbanas, as cidades colombianas desempenham um papel fundamental na resolução de muitos destes desafios, desde a melhoria dos transportes e da infraestrutura às políticas específicas de combate ao crime e à violência. A Colômbia também se vê confrontada com um afluxo maciço de pessoas provenientes da vizinha Venezuela e de redes de contrabando que transportam migrantes de todo o mundo através do norte do país no seu caminho rumo ao norte.

Em meio a estes desafios, os movimentos sociais colombianos mantiveram-se vibrantes apesar de anos de violência enraizada do Estado, dos paramilitares e dos insurgentes. As organizações de direitos humanos, os movimentos LGBTQI, as federações de camponeses e os movimentos sociais urbanos estão ativamente envolvidos na vida política da Colômbia. São especialmente dignos de nota os movimentos sociais indígenas e afro colombianos da Colômbia, os quais têm desempenhado um papel fundamental ao realçar as formas como a violência tem afetado as suas comunidades, bem como os padrões históricos de marginalização e exclusão pelos quais exigem reparação. Outra tendência positiva é o florescimento da produção cultural na Colômbia, que amplia as ricas tradições do país em matéria de literatura e artes visuais. As artes visuais e outras formas de produção cultural contribuem de maneira significativa para os debates atuais sobre o passado recente do país e para os esforços de consolidação da paz. Os grupos historicamente sub-representados são cada vez mais visíveis na produção artística e cultural do país.

Esta área temática convida à apresentação de propostas de académicos, estudantes, líderes comunitários e ativistas de qualquer perspectiva disciplinar ou transdisciplinar que abordem os desafios atuais enfrentados pela Colômbia, bem como debates contemporâneos na história, na literatura e nas artes. Como a administração de Petro está moldando a Colômbia? Como o centro e a direita reagem a estas mudanças? Quais são as perspectivas de ampliar e aprofundar os avanços do processo de paz com as FARC? Como as mudanças no ambiente de conflito e criminalidade afetam a vida dos colombianos? Como os movimentos sociais e o governo tentam responder às preocupações dos afro-colombianos, das comunidades indígenas e de outros grupos historicamente marginalizados? Quais são os principais desafios ambientais

enfrentados pela Colômbia e como os colombianos lidam com eles? Quais são os principais desafios urbanos que a Colômbia enfrenta e que políticas os governos e as comunidades urbanas adotam em resposta? Qual o papel desempenhado pelas ciências sociais e pelas humanidades na Colômbia pós-conflito, particularmente em relação às questões de como escrever a narrativa do passado recente e como ensinar o passado recente nas escolas e universidades? O que está acontecendo atualmente com os movimentos sociais da Colômbia? Que novas direções estão emergindo na produção cultural da Colômbia? Como a produção cultural é apoiada e como as diferentes formas de apoio moldam o conteúdo e o significado das artes na Colômbia?

Resistências coletivas, futuros imaginados nas Américas

A partir da história política e da teoria pós-colonial, autores como James Scott, Ranajit Guha e Gayatri Spivak conceituaram e descreveram formas de resistência em face a diferentes opressões e violências. Estas práticas de resistência assumem diferentes formas e envolvem a participação de grupos não pertencentes aos centros e às dinâmicas de poder, mas que constroem a sua agência e o seu poder de agência como modos de ação capazes de imaginar uma mudança no significado das coisas.

Nos últimos anos, têm se produzido uma série de explosões sociais em diferentes países da América Latina, especialmente nos do Sul. Estes grandes protestos colocam na pauta do dia questões importantes, como o fato de as transições para a democracia não terem sido completas. A explosão social no Chile em 2019, por exemplo, questionou o sistema político e econômico herdado de Pinochet, resumido no slogan “não são 30 pesos, são 30 anos”. Na Colômbia, as mobilizações sociais que eclodiram em 2021 em resposta às reformas econômicas também evoluíram para críticas ao descumprimento dos acordos de paz e aos atores da guerra, bem como a um sistema político que exclui as populações indígenas e afro-americanas. No Peru, desde dezembro de 2022, têm ocorrido grandes manifestações em diferentes regiões no sentido de exigir-se uma maior representação indígena na tomada de decisões nacionais. Nestes e noutros casos, podemos ver como as mulheres, os jovens, as crianças em idade escolar e os povos indígenas imaginam a

possibilidade de mudar as formas de se fazer política a fim de obterem uma maior representação política, bem como dignidade e bem-estar para si próprios e para as suas comunidades.

Vislumbram-se outras formas de resistência coletiva nas Américas. O movimento feminista tem realizado mobilizações criativas para denunciar o feminicídio e a violência sexual e garantir os direitos reprodutivos das mulheres. Diante da impunidade paralisante da prática do desaparecimento forçado, as mães em busca no México e as mães dos falsos positivos na Colômbia empreenderam as suas próprias buscas, desenvolvendo conhecimentos e competências para encontrar vestígios dos seus familiares desaparecidos, desafiando assim o poder do Estado e as narrativas hegemônicas e negacionistas sobre a prática do desaparecimento forçado. Em 2022, houve uma série de greves no Panamá devido ao aumento do custo da cesta básica, dos medicamentos e da gasolina, em que várias organizações sindicais e indígenas importantes se juntaram para fazer pressão por um diálogo que teve resultados importantes para os cidadãos. O povo mapuche da Argentina e do Chile mantém os seus conhecimentos para ensinar às novas gerações os seus territórios e costumes. Como compreender estas práticas? O que nos dizem sobre os sistemas políticos latino-americanos? Como nos ajudam a pensar coletivamente em outras formas de governo?

Esta área temática convida acadêmicos e ativistas a apresentarem propostas que descrevam e analisem diferentes formas de resistência coletiva latino-americanas que nos ajudem a compreender como se relacionam e desafiam o poder hegemônico e como contribuem para pensar coletivamente, para imaginar — e construir — futuros compartilhados.

Lhe convidamos a propor um artigo ou painel que aborde o tema da conferência ou qualquer outro tema relacionado às áreas temáticas do programa. A LASA também aceita solicitações de bolsas de viagem daqueles que enviarem trabalhos ou painéis e que atenderem aos critérios de elegibilidade. Consulte o site da LASA para conhecer os critérios de elegibilidade. Todas as propostas de trabalhos, painéis e bolsas de viagem devem ser enviadas à Secretaria da LASA por meio do sistema de propostas on-line até as **17h (horário do Leste) de 15 de setembro de 2023**.

Os formulários de proposta e as instruções estarão disponíveis no site da LASA: <https://lasaweb.org>. Não serão aceitos envios por correio. Um e-mail de confirmação será enviado imediatamente após o envio da proposta. Caso não o receba, entre em contato com a Secretaria da LASA antes do prazo final para confirmar o envio pelo e-mail: lasa@lasaweb.org.

Áreas temáticas permanentes

O Conselho Executivo de 2018-2019 decidiu trabalhar para garantir que cada Congresso mantenha um conjunto de áreas temáticas permanentes. Para isso, foi realizada uma análise exaustiva das áreas temáticas existentes desde 1991 (221 no total) e do número de propostas recebidas. O critério foi consolidar, homogeneizar e expandir essas áreas temáticas para oferecer um espaço permanente que represente a diversidade temática dos membros. As 221 áreas temáticas identificadas foram discutidas em várias etapas por toda o Conselho Executivo e por um subcomitê nomeado pelo Conselho Executivo. Inicialmente, as 221 áreas foram reduzidas para 43 e, em seguida, 32 foram mantidas.

Este ano, a Diretoria Executiva decidiu revisar e acrescentar novos temas, concentrando-se na literatura, que é objeto de um grande número de propostas todos os anos. O Conselho Executivo ou um subcomitê nomeado pelo Conselho Executivo avaliará periodicamente as novas áreas propostas pelo Comitê do Programa para determinar se elas permanecerão na lista de áreas permanentes.

Novas áreas para cada Congresso

O Comitê do Programa terá a oportunidade de propor áreas específicas que considere relevantes para sua programação. Para a LASA2024, o tema escolhido pelo Comitê nos convida a refletir sobre as tendências opostas que existem nas Américas atualmente. Por um lado, há a preocupação gerada pelo aumento das tendências repressivas, das desigualdades sociais e da crise climática, bem como da exploração dos recursos naturais. Por outro lado, há esperança de mudança com a chegada ao poder de governos progressistas em vários países, com os movimentos

sociais reivindicando sociedades mais democráticas, mais justas e mais inclusivas, e com as comunidades indígenas lutando por seus direitos, sua cultura e a proteção de suas terras e do meio ambiente.

Diretrizes para a Organização de Sessões

Um dos principais objetivos do Congresso da LASA é facilitar o intercâmbio intelectual ao mais alto nível em ciências sociais e humanas na América Latina e o Caribe. Uma condição importante para alcançar este objetivo é assegurar que todas as sessões do Congresso incorporem graus significativos de **diversidade**, de acordo com vários critérios. Estes critérios incluem as filiações institucionais dos painelistas, região de origem, fase da carreira, e diversidade de gênero. Nem todos estes critérios podem estar presentes em todas e cada uma das sessões, mas, sempre que possível, eles devem ser observados ao organizá-las.

Uma sessão constituída por apresentadores/as da mesma instituição é susceptível de ter uma classificação baixa ou ser rejeitada. Deve ser composta por representantes de pelo menos **duas instituições** ou mais, se possível. Mesmo quando uma sessão se centra num único país, pode ser possível encontrar diversidade entre os participantes com pessoas baseadas em diferentes países. Tal diversidade pode levar a diferentes perspectivas sobre o mesmo país. A presença na mesma sessão de investigadores/as em diferentes fases das suas carreiras, desde estudantes de pós-graduação a investigadores juniores e seniores, pode promover redes intelectuais produtivas e oportunidades de tutoria.

Agenda do programa

Escolha o tópico mais adequado para sua proposta na lista abaixo e insira-o no espaço fornecido no sistema de envio de propostas. Você pode enviar apenas um artigo. Envie sua correspondência somente para a Secretaria da LASA.

ÁREAS TEMÁTICAS PERMANENTES

Agrarian and Food Studies	International Relations / Global Studies
Archives, Libraries and Digital Scholarship	Labor Studies
Art, Music and Performance Studies	Language and Linguistics
Biopolitics and Biopower	Latinx Studies
Childhood and Youth Studies	Law and Justice
Civil Societies and Social Movements	Literature Studies: Colonial/19th century
Culture, Power and Political Subjectivities	Literature Studies: 20th/21st centuries
Democratization and Political Process	Literature and Culture
Economics and Political Economy	Mass Media and Popular Culture
Education	Migration and Refugees
Environment, Nature and Climate Change	Otros Saberes and Alternative Methods
Film Studies	Political Institutions
Feminism and Gender Studies	Public and Social Policies
Health and Well-being	Race and Ethnicities
History and Archaeology	Religion, Politics and Society
Human Rights and Memory	Sexualities and LGBTI Studies
Indigenous Languages and Literature	Urban Studies
Indigenous Peoples and Afro-descendants: Epistemologies and Knowledge	Security and Violence

NOVAS PARA LASA2024

La extrema derecha en
América Latina y el mundo

Despojos y desplazamientos:
violencias, extractivismo
y economías ilegales en
zonas rurales e indígenas

Impunidades: pasados y
presentes

Colombia: desafíos actuales y
futuros posibles

Resistencias colectivas,
futuros imaginados en las
Américas

**O PRAZO PARA O ENVIO DE PROPOSTAS É
15 DE SETEMBRO DE 2023, ÀS 17H, HORÁRIO DO LESTE**

Para obter mais informações, acesse www.lasaweb.org